

Instituto Sedes Sapientiæ

Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana

8º Ano

Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas

5º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a aula 4 – 30.03.2017

Peço a vocês continuarem a meditação para irem condicionando a sua capacidade de desapego, de forma crescente. Como qualquer atividade do Self praticada pelo Ego, o condicionamento pela ritualização é importante para aprimorar a sua realização. Pensem no tênis, no futebol, no piano, no carro, no avião e na digitação e como a prática aumenta o condicionamento, o automatismo e a eficiência. Assim é com a meditação, a percepção do vazio e a convivência com ele. Só que vocês não podem ter a mentalidade ocidental, na qual, o vazio é o nada. Vocês precisam adotar a religiosidade oriental, na qual, o vazio é o todo, o Atman, o Tao, o Zen, o Self, e Deus. **Aprender a conviver com Ele é, então, uma verdadeira iniciação na dimensão transcendente do Ego, que é o Self.**

A convivência com o vazio proveniente da meditação é importante por duas grandes razões. **A primeira é o aumento da capacidade da transcendência,** o que caracteriza o desenvolvimento da vida espiritual. **A segunda é o aumento da capacidade de diminuir as preocupações e o estresse delas oriundo.** Só isso torna o aprendizado da meditação uma grande aquisição cultural e um grande remédio para diminuir o stress e fortalecer a saúde por intermédio da autenticidade.

Estamos começando a abordar **o tema da formação da identidade sexual feminina,** descrita na terceira etapa da vida no meu livro *A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito*. Recomendo a vocês que leiam da página 93 até a página 104, para entender **as diferenças entre a formação da identidade do homem e da mulher à luz da dinâmica simbólica.** Voltaremos muitas vezes a esse tema. Enfatizei na aula,

especialmente, o enfoque simbólico na formação da identidade da menina pela integração da sua relação com o clitóris dos 2 aos 12 anos de idade.

Estamos começando **o estudo das cinco posições arquetípicas da Consciência**, pois é por intermédio delas que podemos ver as cinco posições da polaridade Ego-Outro em qualquer manifestação arquetípica da elaboração simbólica.

Releiam a introdução da Psicologia Simbólica Junguiana a partir da página 15 até a página 20. A elaboração começa com a constelação do símbolo pelo Arquétipo Central na posição indiferenciada. Ela continua com as posições insular matriarcal, polarizada patriarcal, dialética de alteridade e unitária na totalidade. É importantíssimo que vocês compreendam as diferentes inteligências arquetípicas nas posições Ego-Outro no normal e na patologia (fixação, defesas e Sombra).

A elaboração simbólica forma e separa a identidade do Ego e do não-Ego, ou seja, do Outro. Ela forma a identidade do Ego e a identidade do Outro simultaneamente, com o aprendizado de si (Ego) e do outro com símbolos do corpo, das emoções, da natureza e da sociedade à nossa volta. Por isso amadurecimento e cultura se formam juntos a partir da elaboração simbólica.

No exemplo da descoberta da diferente identidade sexual do menino e da menina, que começa aos dois anos de idade, a descoberta da natureza do clitóris, que é um Outro situado na dimensão do corpo feminino e do pênis que é um Outro situado na dimensão do corpo masculino, caminham junto com a formação do Ego e a integração do prazer sexual.

Depois da **posição Ego-Outro indiferenciada do Arquétipo Central**, surge a elaboração pelo **Arquétipo Matriarcal**, que necessita ser melhor compreendida. Já mencionei que o Arquétipo Matriarcal aqui não é só considerado materno e feminino, pois abrange também o masculino, ou seja, a relação do Ego do bebê com o pai, junto com a relação com a mãe, desde o início da vida. Isso contraria a psicologia tradicional que preconiza a relação primária exclusivamente com a mãe. Acho esse um grande redutivismo das relações primárias, que tem deformado a relação homem-mulher para o resto da vida. O preço da primazia da mãe no início da vida é desastroso e tem sido pago pela mãe, pelo pai e pelos filhos (meninos e meninas) com a distorção de sua identidade e do seu relacionamento adulto.

Assim sendo, precisamos recobrar a importância do Arquétipo Matriarcal para abranger também, não só a personalidade do homem junto com a mulher como a

natureza mágico-mítica, as religiões animistas, a magia, os mitos, os sonhos e muitos quadros clínicos.

O redutivismo do matriarcal ao materno e ao feminino foi acompanhado do exagero do poder do “inconsciente”. A ele foi delegada a origem da mentalidade mágico-mítica (participação mística de Lévy-Brüll), dos sonhos e da própria função de compensação, usurpados do reconhecimento da capacidade criativa e coordenadora da relação Ego-Outro pelo Arquétipo Matriarcal.

Quando reconhecemos o poder estruturante do Arquétipo Matriarcal, apesar de nele a relação Ego-Outro ser muito íntima, o que aproxima grandemente a polaridade consciente-inconsciente, **a primazia do inconsciente diminui muito** e o reconhecimento da criatividade da participação do consciente na elaboração simbólica aumenta significativamente. O célebre dito de que “os sonhos são a estrada régia para o inconsciente”, famoso na psicanálise, por exemplo, passa a ser “os sonhos são a estrada régia para o Arquétipo Matriarcal”.

Até quinta-feira,

Byington